



ROGÉRIO MARTINS
Universidade Nova
de Lisboa
roma@fct.unl.pt

SOBRE A IMPORTÂNCIA DE ENTRAR COM O PÉ DIREITO

A matemática tende a ser vista pela sociedade como uma medida da nossa inteligência. Infelizmente isso tem um custo...

No editorial do número 168 desmontei um pouco este mito. De facto, não me parece que a matemática seja uma medida fiel da nossa inteligência, independentemente do que a inteligência possa significar. Gostaria agora de falar sobre os problemas que esta imagem acarreta.

Independentemente do que entendermos por inteligência, a verdade é que ninguém gosta de assumir que não a tem em quantidade razoável. É comum ouvir alguém dizer que não é suficientemente alto para jogar basquetebol, que não tem queda para a bricolage, ou que não tem jeito para arrumar a louça na máquina... No entanto, algo que nunca ouvimos dizer é: “Eu não sou lá muito inteligente!...” Por alguma razão que me escapa, ninguém gosta que coloquem em causa as suas capacidades de inteligência. A verdade é que nos sentimos feridos quando a nossa inteligência é posta em causa.

Sendo o sucesso em matemática (certa ou erradamente) normalmente associado às nossas capacidades de inteligência, é espectável que o sucesso em matemática acabe por ser um assunto sensível para os estudantes. Por um lado, quem por alguma razão tende a entrar com o pé direito na matemática, recebe um reforço positivo e tipicamente diz: “Eu tenho jeito para a matemática.” Por outro lado, quem entra com o

pé esquerdo recebe um beliscão na sua auto-estima e tende a dizer: “Eu não gosto de matemática.” Reparem que não é inocente a escolha nos verbos: “tenho jeito” *versus* “não gosto”. No primeiro caso, o interlocutor deixa claro que tem essa capacidade e, no segundo caso, prefere assumir que o insucesso é essencialmente uma opção, protegendo, desta forma, a sua auto-estima.

No caso em que há sucesso, há um reforço positivo para o estudante, que tende a manter ou até mesmo a melhorar os seus resultados. No caso de insucesso, há uma tendência para piorar os resultados e reforçar a posição de desinteresse pela disciplina, protegendo a auto-estima, como vimos antes. Na verdade, é bem conhecida uma certa tendência para a bipolarização dos resultados em matemática, e, na minha opinião, esta é uma das causas.

Por outro lado, a entrada, ou não, de um estudante com o pé direito na matemática não depende de forma essencial de capacidades cognitivas especiais, mas sim de uma série de outros factores, na maior parte das vezes não controláveis pelo próprio estudante. Muitos estudantes entram no círculo vicioso do “não gosto de matemática” por razões que, em geral, não são fáceis de identificar...